DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i4.23

UNIVERSIDADE E CIÊNCIA MODERNA: MANEIRAS OUTRAS DE SABER/CONHECER

UNIVERSITY AND MODERN SCIENCE: OTHER WAYS OF KNOWING

Fábio Zambiasi[1]
Graziela Scopel[2]
Marlize Rubin-Oliveira[3]

RESUMO:
Este artigo busca problematizar a universalidade da ciência moderna, enquanto maneira única de saber/conhecer privilegiada na estrutura ocidentalizada das universidades, com o objetivo de refletir acerca do reconhecimento e reposicionamento, em sua estrutura, de maneiras outras de saber/conhecer. O caminho teórico-metodológico se caracteriza como de natureza qualitativa, utilizando recursos bibliográficos e documentais. Inicialmente, se discute o privilégio epistêmico ocidental e a universalização da ciência moderna, a partir dos pressupostos da decolonialidade. Na sequência, é realizado a análise de duas experiências de programas com pressupostos decoloniais – a Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica e o Encontro de Saberes. A partir das análises das experiências, destaca-se que ambas se propõem a inserir outros corpos políticos, historicamente marginalizados e invisibilizados, assim como maneiras outras de saber/conhecer, advindas de regionalidades distintas, dentro dos muros e da estrutura ocidentalizada das universidades. Afirma-se que os dois programas analisados contribuem à descolonização da universidade e à sua transformação em um lugar de saber/conhecer pluriverso, principalmente por tensionarem o privilégio e universalismo dos cânones de pensamento, quadros teóricos e metodológicos de matriz ocidental.

Palavras-chave: Universidade Moderna; Ciência Moderna; Saberes/Fazeres Pluriversos; Decolonialidade.

ABSTRACT:
This article seeks to problematize the universality of modern science as the sole privileged way of knowing/understanding within the Westernized structure of universities, aiming to reflect on the recognition and repositioning of other ways of knowing/understanding in their structure. The theoretical-methodological approach is qualitative, utilizing bibliographic and documentary resources. Initially, the discussion centers on Western epistemic privilege and the universalization of modern science, based on the assumptions of decoloniality. Subsequently, an analysis is conducted of two programs with decolonial assumptions: the Intercultural Indigenous Bachelor's Program of the Southern Atlantic Forest and the Knowledge Encounters initiative. From the analysis of these experiences, it is highlighted that both aim to integrate other political bodies—historically marginalized and rendered invisible—as well as other ways of knowing/understanding, originating from distinct regional contexts, into the walls and the Westernized structure of universities. It is affirmed that the two programs analyzed contribute to the decolonization of the university and its transformation into a pluriversal space of knowing/understanding, primarily by challenging the

[1]Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Paraná, Brasil. Membro do Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU/UTFPR). E-mail: fabio.zambiasi@hotmail.com
[2]Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Paraná, Brasil. Membra do Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU/UTFPR). E-mail: grazielascopell@gmail.com
[3]Professora do Departamento de Ciências Humanas e Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Paraná, Brasil. Líder do Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU/UTFPR). E-mail: rubin@utfpr.edu.br

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i4.23

privilege and universality of Western-centric canons of thought, theoretical frameworks, and methodological paradigms.

Keywords: Modern University; Modern Science; Pluriversal Knowledges/Practices; Decoloniality.

INTRODUÇÃO

O início do paradigma histórico e social da modernidade/colonialidade (Quijano, 2005; Walsh, 2007) marca o surgimento da racionalidade moderna/colonial e de um conjunto de relações de poder, saber e ser que, assentes na ideia de raça (Quijano, 2005), objetivaram situar a Europa como uma regionalidade mundialmente dominante (Mignolo, 2013; Rubin-Oliveira; Zambiasi, 2023). Ao se impor como uma regionalidade dominante, a Europa outorgou a si própria a condição de centro da história mundial (eurocentrismo), de superioridade civilizacional, cognitiva e cultural, ao mesmo tempo em que, hierarquicamente, inferiorizou as demais regionalidades não ocidentais (Quijano, 2005; Mignolo, 2013). Essa imposição mundial se deu às custas de genocídios e epistemicídios (Grosfoguel, 2016) contra sujeitos e lugares não ocidentais, sendo está a condição necessária à Europa configurar uma estrutura epistêmica do mundo moderno/colonial, organizada de modo a legitimar a sua superioridade ontológica e epistemológica, ou seja, as visões de mundo do homem branco ocidental (Grosfoguel, 2016) e a sua maneira única de saber/conhecer denominada como ciência moderna (Santos, 2021).

Dessa conjuntura de privilégio epistêmico ocidental, é que se estabeleceram os cânones de pensamento, os quadros teóricos e metodológicos que orientam os processos formativos, a pesquisa acadêmica e as funções em si desenvolvidas atualmente na "estrutura ocidentalizada" (Grosfoguel, 2016) das universidades, como as presentes no Sul Global (Lander, 2000). A universidade surge na Europa no período medieval e, ao incorporar os valores da modernidade/colonialidade e se espalhar pelo mundo, contribuiu para naturalizar a superioridade epistêmica ocidental e o universalismo da ciência moderna. Ao mesmo tempo, contribuiu à marginalização e invisibilização de inúmeras maneiras outras de saber/conhecer advindas de regionalidades não ocidentais, como as cosmovisões e ontologias dos grupos e povos tradicionais do Sul Global, principalmente por não se enquadrarem nos pressupostos do método científico (Santos, 2019). Portanto, como afirma Lander (2000), ao se universalizar e chegar nas regiões do Sul Global a universidade, com sua estrutura ocidentalizada, traz consigo a reprodução de um olhar ao mundo a partir das perspectivas ocidentais, adaptando os saberes/fazeres da cultura ocidental às suas condições locais e legitimando a valorização cultural, política e econômica ocidental.

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i4.23

Isso tem implicado, às universidades do Sul Global, a produção de conhecimentos descontextualizados de suas realidades locais, o uso de cânones de pensamento, teorias e metodologias extrativistas que, construídas a partir das visões de mundo de alguns poucos sujeitos de uma regionalidade dominante, objetificam, marginalizam e/ou invisibilizam sujeitos e saberes não ocidentais (Santos, 2019; Grosfoguel, 2016). Ao mesmo tempo, por reproduzirem uma ciência que, conforme Walsh (2005) e Mignolo (2004), é um dos fundamentos centrais do projeto de modernidade/colonialidade, as universidades do Sul Global têm se estruturado de modo a manter hierarquias raciais, de poder, saber e ser, implicando na capacidade de posicionar suas pesquisas acadêmicas e seus processos formativos às necessidades de sujeitos e lugares historicamente marcados pelo domínio, opressão e exploração moderna/colonial. Portanto, desprender-se do privilégio epistêmico e científico ocidental e abrir-se às maneiras outras de saber/conhecer se apresenta, por um lado, como uma forma de justiça cognitiva e, por outro, pode reposicionar a universidade como um lugar de saber/conhecer pluriverso, entendendo que este reposicionamento pode ser um caminho à universidade colaborar no enfrentamento de desafios e problemas socioambientais que afetam, principalmente, os povos do Sul Global marcados pelo domínio, opressão e exploração moderna/colonial.

Diante desse contexto, este artigo busca problematizar a universalidade da ciência moderna, enquanto maneira única de saber/conhecer privilegiada na estrutura ocidentalizada das universidades, com o objetivo de refletir acerca do reconhecimento e reposicionamento, em sua estrutura, de maneiras outras de saber/conhecer. Este artigo é parte de um projeto[4] que tem a universidade como tema de estudo e, a partir de perspectivas decoloniais, busca problematizá-la como um lugar epistêmico. O caminho teórico-metodológico se caracteriza como de natureza qualitativa (Maxwell, 2013), sendo utilizado, primeiramente, recursos bibliográficos para discutir o privilégio epistêmico ocidental e o universalismo da ciência moderna, baseando-se, fundamentalmente, em pressupostos decoloniais (Quijano, 2005, Grosfoguel, 2016). Na sequência, utilizou-se de recursos bibliográficos e documentais (Maxwell, 2013) para analisar as experiências de dois programas - a Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, que existe desde 2011 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e o Encontro de Saberes, que existe desde 2010 na Universidade de Brasília (UNB). A partir das análises das duas experiências, foi possível identificar possibilidades à

[4] Da Universidade à Pluriversidade: um diálogo decolonial (Marlize Rubin-Oliveira (cord.). O projeto guarda-chuva, no âmbito do Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU/UTFPR) ligado à Linha de Pesquisa Educação e Desenvolvimento, do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i4.23

descolonização da universidade e, principalmente, para o reconhecimento e reposicionamento de maneiras outras de saber/conhecer em seu interior.

CIÊNCIA MODERNA: UMA MANEIRA DE SABER/CONHECER PRIVILEGIADA NA ESTRUTURA OCIDENTALIZADA DAS UNIVERSIDADES

A partir do paradigma da modernidade/colonialidade (Quijano, 2005; Walsh, 2007), o privilégio epistêmico ocidental e a sua maneira única de saber/conhecer, denominada por ciência moderna, foram universalizados como a base da estrutura mundial de produção de conhecimentos e, principalmente, da estrutura ocidentalizada das universidades (Grosfoguel, 2016). A ciência se constituiu alicerçada no privilégio epistêmico do homem branco ocidental, como em suas concepções ontologicamente dicotômicas de compreensão do mundo/realidade, da natureza e dos seres (Grosfoguel, 2016). As separações ontológicas entre sociedade e natureza, sujeito e objeto, mente e corpo etc., que sustentam a epistemologia ocidental, permitiram à ciência moderna situar seus métodos de redução, fragmentação e quantificação como a única maneira válida, objetiva e universal de saber/conhecer, isto é, de produzir um conhecimento o mais próximo da verdade quanto fosse humanamente possível (Santos, 2021). Dessa conjuntura de privilégio ocidental é que se estabeleceram os cânones de pensamento, os quadros teóricos e metodológicos, assim como modelos de gestão, que orientam os processos formativos, a pesquisa acadêmica e as funções em si desenvolvidas atualmente na estrutura ocidentalizada das universidades, como as presentes no Sul Global (Lander, 2000).

Ao considerar que os alicerces da ciência moderna se estruturam no contexto da modernidade/colonialidade, a retomada à sua noção se torna essencial às problematizações propostas. A modernidade/colonialidade é um conceito que discute o processo de modernidade não apenas como uma perspectiva de progresso e avanço da humanidade, mas como um processo histórico intrinsicamente ligado a colonialidade (Quijano, 2005; Walsh, 2007; Mignolo, 2004), que objetivou situar a Europa como uma regionalidade mundialmente dominante (Mignolo, 2013; Rubin-Oliveira; Zambiasi, 2023). Ao assumir uma posição de poder e controle geopolítico sobre as demais regiões, a Europa pode se situar como o centro da história mundial (eurocentrismo), outorgando-se a si própria a condição de civilização superior e desenvolvida. A partir desse imaginário social, que legitimava a superioridade cultural, civilizacional e cognitiva ocidental, e deslegitimava e inferiorizava todas as demais, é que se estrutura a racionalidade dominante moderna/colonial (Quijano, 2005) e uma busca

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i4.23

pelo direcionamento das regiões não ocidentais nos caminhos do progresso e da modernização, ou seja, a seguir os interesses e o controle, além de reproduzir os valores de sociedade e visões de mundo ocidentais.

Ao incorporar os valores da modernidade/colonialidade, a universidade desempenhou um papel significativo para firmar a racionalidade moderna/colonial, naturalizar a superioridade epistêmica ocidental e o universalismo da ciência moderna. A universidade surge na Europa no período medieval, com sua base de produção do conhecimento ligada a teologia cristã (Santos, 2019; Zambiasi; Rubin-Oliveira, 2022). A partir da modernidade/colonialidade, a universidade se afasta da teologia cristã e apoia o surgimento da ciência, enquanto um novo paradigma de saber/conhecer intra-europeu (Santos, 2021), como sua maneira privilegiada de saber/conhecer. Ao se universalizar sobre as demais regiões com a sua estrutura ocidentalizada, principalmente a partir dos processos de colonização moderna e de formação dos incipientes Estados-nação, a universidade contribuiu para transportar e naturalizar a nível mundial as concepções ontológicas (como se compreende o ser, a natureza e o mundo/realidade) e as perspectivas epistemológicas de matriz ocidental (Grosfoguel, 2016; Lander, 2000). Portanto, como afirma Lander (2000), ao se universalizar e chegar nas regiões do Sul Global a universidade traz consigo a reprodução de um olhar ao mundo a partir das perspectivas ocidentais e, principalmente, a valorização cultural, política e econômica ocidental.

Ao privilegiar as bases epistêmicas ocidentais, Castro-Gómez (2007) defende a tese de que as universidades reproduzem um olhar ao mundo que obedece a um modelo epistêmico denominado hibridez do ponto zero, o qual concebe o método científico como a maneira de saber/conhecer definida como válida, neutra e universal. Castro-Gómez (2007) explica esse modelo utilizando a metáfora teológica do Deus, argumentando que, assim como Deus observa o mundo a partir de uma plataforma inobservada de observação (de um ponto zero), como forma de olhar o mundo de um ângulo que lhe permite gerar uma compreensão isenta da dúvida e interferência acerca do mundo/realidade, a ciência pretende se equiparar aos olhos de Deus, utilizando de seus métodos como forma de se situar em um ponto zero de observação do mundo/realidade. De fato, é essa a grande característica, ao mesmo tempo equívoco, da ciência moderna, a tentativa de se equiparar aos olhos de um Deus para fornecer uma representação verdadeira, neutra e que pode ser replicada a todos os contextos (universal) da realidade (Castro-Gómez, 2007).

Aprofundando este debate, Santos (2021) coloca que a neutralidade e objetividade que se encontra no cerne do método científico, principalmente para produzir e validar o

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i4.23

conhecimento, tem seus alicerces nas ideias matemáticas. O método científico utiliza das lógicas de redução, fragmentação, observação e experimentação da realidade para investigar e analisar de modo rigoroso e exato os fenômenos da natureza/matéria. Essas lógicas advêm das ideias matemáticas e, consequentemente, delineiam duas características principais do método científico. Primeiro, saber/conhecer significa quantificar, tornando-se cientificamente relevante apenas aquilo que se pode quantificar. Segundo, o foco é reduzir a complexidade da realidade, dado que a mente humana não consegue dar conta de compreendê-la no todo, tornando-se necessário dividir e classificar em partes para depois analisar e determinar as relações entre as partes separadas (Santos, 2021). Com este método ontologicamente dualista, que separa sujeito e objeto, sociedade e natureza, corpo e mente etc., a ciência pressupôs produzir um conhecimento que se equipara-se aos olhos de um Deus, ou seja, o mais correto o quanto fosse humanamente possível, e, portanto, defendeu a validade, objetividade e universalidade do seu ponto de vista do mundo/realidade.

Entretanto, ao privilegiar uma ciência única a universidade contribuiu para legitimar as estruturas da colonialidade do poder, saber e ser (Quijano, 2005; Walsh, 2007; Mignolo, 2004), marginalizando e invisibilizando inúmeras maneiras outras de saber/conhecer advindas de regionalidades não ocidentais, como as cosmovisões e ontologias dos grupos e povos tradicionais do Sul Global, principalmente por não se enquadrarem nos pressupostos do método científico (Santos, 2019). Segundo Grosfoguel (2016) essa invisibilização ocorreu pela pretensão de que as teorias científicas ocidentais, que emergem a partir de experiências provincianas e das visões de mundo de alguns poucos homens de cinco países (França, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e Itália), tenham a capacidade de serem universais e de explicarem a realidade sócio-histórica de todas as demais regiões do mundo. Esse fenômeno, destacado por Grosfoguel (2016) como racismo e sexismo epistêmico, evidencia um provincianismo disfarçado de universalismo que impões às universidades do Sul Global um olhar ao mundo e ao seu próprio contexto regional a partir das perspectivas ocidentais (Lander, 2000), adaptando os saberes/fazeres da cultura ocidental às suas condições locais.

Isso tem implicado, principalmente às universidades do Sul Global, a produção e/ou reprodução de conhecimentos descontextualizados das realidades locais, o uso de cânones de pensamento, teorias e metodologias extrativistas que, construídas a partir das visões de mundo de sujeitos de uma regionalidade dominante, objetificam, marginalizam e/ou invisibilizam sujeitos e saberes não ocidentais (Santos, 2019; Grosfoguel, 2016). Além disso, implica na reprodução de uma ciência que, conforme Walsh (2005) e Mignolo (2004), é um dos fundamentos centrais do projeto de modernidade/colonialidade, estruturada de modo a manter

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i4.23

hierarquias raciais, de poder, saber e ser. Sobretudo, tem implicado na função social e na capacidade das universidades em posicionar suas pesquisas acadêmicas e seus processos formativos às necessidades de sujeitos e lugares historicamente marcados pelo domínio, opressão e exploração moderna/colonial.

Portanto, desprender-se do privilégio epistêmico e científico ocidental e abrir-se às maneiras outras de saber/conhecer se apresenta, por um lado, como uma forma de justiça cognitiva e, por outro, como possibilidade para transformar a universidade em um lugar de saber/conhecer pluriverso. Esse pode ser um caminho para que a universidade se projete no enfrentamento de desafios e problemas socioambientais globais atuais que afetam, principalmente, o Sul Global. Sobre isso, é o que se discute na próxima seção.

DA CIÊNCIA MODERNA ÀS MANEIRAS OUTRAS DE SABER/CONHECER

O desprendimento do universalismo da ciência moderna rumo ao reconhecimento de maneiras de saber/conhecer tem se colocado como um desafio, mas, ao mesmo tempo, uma necessidade à universidade ampliar sua inserção, pertinência e contribuição social. Segundo Mignolo (2004) e Santos (2021), vivemos em um contexto marcado pela profunda crise do paradigma da modernidade/colonialidade e do seu modelo de ciência única, assim como Castro-Gómez (2007) coloca que vivemos em um contexto marcado cada vez mais pela complexidade da realidade. Questões como as crises ecológicas, humanitárias, conflitos armados, mudanças climáticas, desertificações, enchentes constantes, violação de direitos da natureza e humanos, entre inúmeros outros, revelam a complexidade do momento atual. Porém, mesmo o mundo/realidade sendo cada vez mais complexo, a universidade segue o pensando de forma simples (Castro-Gómez, 2007), usando os métodos de uma ciência única para reduzi-lo e fragmentá-lo, lhe observando como um simples objeto que pode ser recortado em disciplinas científicas para compreendê-lo em partes. Portanto, ao entender que a ciência única já não consegue mais dar conta de compreender a complexidade do mundo/realidade, se faz imprescindível a busca por maneiras outras de saber/conhecer que, inseridas na universidade e propondo um diálogo e/ou ecologia de saberes (Santos, 2019), podem fomentar uma pluriversidade de maneiras de compreender ontologicamente e representar epistemicamente a complexidade do mundo/realidade.

Porém, esse movimento de desprendimento da universalidade rumo a pluriversalidade (Santos, 2019) de maneiras de saber/conhecer, envolve um processo muito mais amplo e complexo que pode ser descrito como de descolonização da universidade (Santos, 2019;

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i4.23

Castro-Gómez, 2007; Zambiasi; Rubin-Oliveira, 2022), ou seja, de desmantelamento das estruturas de poder, saber e ser presentes em sua estrutura ocidentalizada, principalmente o universalismo de cânones de pensamentos, quadros teóricos e metodológicos de matriz ocidental formulados a partir das visões de alguns poucos homens de uma regionalidade dominante. Ao buscar-se experiências que avançam na proposta de descolonização da universidade, identificou-se dois programas que se constituem dentro da estrutura ocidentalizada de universidade moderna e que se configuram de modo a abrir brechas ou fissuras decoloniais (Walsh, 2015) para que distintos saberes e sujeitos historicamente marginalizados e invisibilizados se adentrem nesta instituição milenar, propondo uma ressignificação de seus processos de formação, pesquisa acadêmica e da própria função social. Para Rubin-Oliveira e Zambiasi (2023), não se trata apenas de reconhecer e dar visibilidade para outras maneiras de ser, estar, compreender e representar o mundo/realidade, mas de avançar na coprodução de conhecimentos e na construção de práticas e políticas que reforcem uma educação crítica e emancipatória, como um bem público e social.

O primeiro programa é a Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica (LII-UFSC), que existe desde 2011 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e envolve as etnias Guarani, Kaingang e Laklãnõ-xokleng (UFSC, 2024). A LII-UFSC objetiva formar, a partir de uma perspectiva intercultural e interdisciplinar, professores/as e pesquisadores/as Guarani, Kaingang e Laklãnõ-xokleng aptos a atuarem no âmbito acadêmico, técnico e científico assentes em suas maneiras outras de saber/conhecer que se constituem enraizadas em conhecimentos de povos e grupos tradicionais (UFSC, 2024). Esse programa, além de ter várias legislações que lhe amparam, rompe com certos ritos da universidade moderna quando valoriza, para além dos conhecimentos científicos, os conhecimentos interculturais, multilinguísticos, ambientais, as diversidades e a participação ativa das comunidades na formação dos seus próprios agentes educativos, de maneira interligada e transversal (UFSC, 2024).

Ao analisar o Projeto Pedagógico de Curso da LII-UFSC (UFSC, 2020), observou-se que este programa está organizado a partir de duas terminalidades principais. A primeira terminalidade é linguagens e suas tecnologias, que envolve disciplinas como artes, educação física, língua indígena e língua portuguesa, e que prepara o/a aluno/a para suas artes e suas línguas maternas/paternas na fruição com a memória viva e a cosmologia. A segunda terminalidade é ciências humanas, ciências sociais e aplicadas, que envolve disciplinas como filosofia, geografia, história e sociologia, envolvendo a preparação do/a aluno/a indígena em termos de usos e cuidados dos recursos naturais presentes no território ocupado por seu povo.

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i4.23

O programa funciona a partir da metodologia da Pedagogia da Alternância, garantido momentos na universidade (períodos presenciais intensivos) e momentos na comunidade (período de estudos orientados e intervenções, por muitas vezes mediados por sábios especialistas indígenas). Além disso, o trabalho de conclusão de curso pode ser apresentado na língua materna indígena e deve estar diretamente ligado às práticas educativas dentro dos territórios (UFSC, 2020).

No que ser refere a dimensão política, a LII-UFSC efetiva algumas políticas educacionais fruto de disputas de movimentos sociais em amplos contextos legislativos. Quanto a dimensão pedagógica, fomenta a relação teoria-prática de forma orgânica, visto que os sujeitos vivem a Pedagogia da Alternância, transpondo saberes para a construção da existência. Ademais, no que tange a dimensão epistêmica, a proposta considera saberes interculturais, interdisciplinares e não acadêmicos, advindos da dimensão cosmopolítica da cultura indígena (UFSC, 2024; 2020).

O segundo programa é o Encontro de Saberes (Carvalho; Costa Vianna, 2020), desenvolvido na Universidade de Brasília (UNB) desde o ano de 2010, e que hoje se encontra presente em mais de 20 Universidades. O Encontro de Saberes é um programa que congrega sujeitos de comunidades indígenas, de terreiros, quilombolas, agroextrativistas, grupos urbanos e outros/as mestres/as tradicionais que, com suas maneiras outras de saber/conhecer, contribuem como professores/as nas universidades, sendo seus saberes considerados de igual e/ou maior relevância, no contexto formativo. A proposta do programa envolve o encontro de diferentes saberes, acadêmicos ou não, oferecidos através de disciplinas livres aos/as alunos/as da universidade, dialogando com o pluriverso possível de saberes (Carvalho; Vianna, 2020). Ao analisarem o programa, Paim e Rubin-Oliveira (2023) afirmam se tratar de uma maneira possível de descolonizar a universidade, principalmente para lhe transformar em um lugar pluriverso.

Observou-se que o Encontro de Saberes propõe o que Carvalho e Vianna (2020) descrevem como intervenções étnico-racial, política, pedagógica e epistêmica à universidade. Étnico-racial, no sentido que o programa busca transcender um ciclo de segregação e desigualdade étnico-racial na academia. Quanto à dimensão política, propõe a alteração da classe docente, buscando soluções para resolver impasses burocráticos para a contratação de mestres/as. No que se refere à dimensão pedagógica, propõe a criação de protocolos específicos para o diálogo interepistêmico e transdisciplinar. E, quanto a dimensão epistêmica, fomenta a promoção da pluriversidade epistêmica e valorização de saberes diversos. Dessa forma, o programa carrega uma riqueza ímpar, porque rompe com o academicismo

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i4.23

eurocêntrico, considerando a coexistência de conhecimentos e saberes, além de fortalecer a interculturalidade, que é vivida de forma horizontal, transpondo os muros da universidade (Carvalho; Vianna, 2020). Portanto, como analisam Paim e Rubin-Oliveira (2023), o programa abre possibilidades para que saberes locais sejam ministrados na universidade, colaborando ao desprendimento dos padrões da colonialidade do poder, saber e ser.

Ao analisar as duas experiências, percebeu-se que se constituem como duas iniciativas acadêmicas que se inserem em um movimento mais amplo voltado em posicionar outros corpos políticos (Grosfoguel, 2016) e suas maneiras de saber/conhecer dentro da estrutura ocidentalizada das universidades. São corpos políticos que pressionam os muros e portas da universidade, buscando se adentrar em seus espaços acadêmicos e acessar uma educação dita como superior e que, ao mesmo tempo, trazem consigo suas maneiras outras de saber/conhecer, muitas das quais se constituem a partir de concepções ontológicas e epistemológicas distintas das de origem ocidental. São saberes/fazeres outros que se adentram na universidade tensionando o privilégio epistêmico ocidental e o universalismo da ciência moderna, assim como os cânones de pensamento, quadros teóricos e metodológicos que atualmente conformam o modelo de universidade moderna.

Ao mesmo tempo, ao inserirem mestres/as formados/as a partir de outras perspectivas epistêmicas, ou seja, em lugares que Walsh (2007) coloca como extra-acadêmicos e extra-científicos, a LII-UFSC e o Encontro de Saberes tensionam o modelo epistêmico da hibridez do ponto zero (Castro-Gómez, 2007), as lógicas matemáticas e ontologicamente dualistas da ciência moderna (Santos, 2021), assim como afrontam o racismo e sexismo epistêmico (Grosfoguel, 2016) característico da estrutura ocidentalizada da universidade. Para além disso, também propõem com muita clareza a inserção de alunos/as indígenas dentro dos muros da universidade, contribuindo para desestruturar o que Santos (2019) coloca como o elitismo acadêmico que se encontra nas origens desta instituição milenar. Dessa forma, ambas as experiências ampliam a capacidade da universidade em estabelecer outros olhares ao mundo (Lander, 2000), a partir de perspectivas trazidas por regionalidades não ocidentais, como de povos e grupos tradicionais, sendo, essas proposições, essenciais à descolonização da universidade.

Um ponto em comum entre a LII-UFSC e o Encontro de Saberes é a proposta de fortalecer a interculturalidade e a interdisciplinaridade nos processos formativos e na pesquisa acadêmica. A interculturalidade se manifesta ao observar-se que ambas as experiências trazem como proposta reconhecer e colocar em diálogo uma pluriversidade de concepções ontológicas e epistemológicas, que advém da diversidade de culturas existentes. A

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i4.23

interdisciplinaridade se manifesta pela busca de ambas as experiências em transcender as fronteiras disciplinares e fomentar a colaboração entre diferentes áreas do conhecimento. De todo modo, são duas perspectivas que transcendem o que Castro-Gómez (2007) coloca como o pensamento disciplinar, reducionista e fragmentador característico da estrutura da universidade moderna, se tornando fundamentais para enriquecer a produção de conhecimentos a partir da pluriversidade de maneiras de saber/conhecer.

Assim, a partir das reflexões aqui estabelecidas, avança-se na construção de um quadro síntese (Quadro 1) de tensionamentos, no qual, por um lado, destacamos maneiras únicas de saber/conhecer propostas pela ciência moderna e, por outro lado, maneiras outras de saber/conhecer que emergem com base nas propostas das experiências da LII-UFSC e do Encontro de Saberes.

Quadro 1 – Síntese destacadas entre maneiras de saber/conhecer privilegiadas pela ciência moderna e maneiras outras de saber/conhecer propostas pela experiência da LII-UFSC e do Encontro de Saberes

Descrição	**Maneiras de saber/conhecer privilegiadas pela ciência moderna**	**Maneiras outras de saber/conhecer propostas pela LII-UFSC e do Encontro de Saberes**
Dimensão Epistemológica	Busca de uma Epistemologia Universal	Busca de Epistemologias Plurais
	Superioridade de visões Euro-Norte-centradas	Valorização da pluriversidade de maneiras de interpretar o mundo
Dimensão Metodológica	Método experimental, extrativistas e universalmente replicável	Pluriversidade de maneiras de saber/conhecer.
	Separação das relações Sujeito e Objeto na produção de conhecimentos	Fortalecimento da interação Sujeito e Objeto na produção de saberes
Finalidade	Avanço científico e tecnológico, baseado em uma visão utilitarista e mercantilista da ciência	Fortalecimento da interculturalidade, interdisciplinaridade e do diálogo de saberes para pensar o mundo/realidade para a solução de problemas complexos.
	Domínio da humanidade sobre a natureza	Fortalecimento de relações da interação entre sociedade e natureza

Fonte: Elaboração dos/as autores/as (2024).

Por fim, ao retomar o objetivo deste artigo, é possível apontar que são, evidentemente, duas iniciativas acadêmicas que dialogam com os princípios decoloniais e que se identificam como singulares em fornecer pistas importantes ao processo de descolonização da universidade, principalmente no que se refere a busca pelo reconhecimento e reposicionamento de maneiras outras de saber/conhecer em seu interior. São esses

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i4.23

movimentos de inserção de outros corpos políticos na universidade que podem fomentar a pluriversidade, tensionando o privilégio epistêmico ocidental e da ciência moderna, assim como dos cânones de pensamento, quadros teóricos e metodológicos de matriz ocidental. Sobretudo, fomentar uma pluriversidade de saberes no interior da universidade poderá significar a emergência de outros saberes/fazeres que contribuam no enfrentamento de desafios e problemas que afetam, principalmente, os povos do Sul Global marcados pelo domínio, opressão e exploração moderna/colonial. Dessa forma é que a universidade poderá se ressignificar e se transformar em um lugar de saber/conhecer pluriverso, atuando, mediante descreve Grosfoguel (2016, p. 46), "a serviço de um mundo para além do 'sistema-mundo capitalista, patriarcal, eurocêntrico, cristão, moderno e colonialista'".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste artigo foi problematizar a universalidade da ciência moderna enquanto maneira única de saber/conhecer privilegiada na estrutura ocidentalizada das universidades. O objetivo foi refletir acerca do reconhecimento e reposicionamento em estrutura da universidade de maneiras outras de saber/conhecer. O caminho traçado, a partir dos pressupostos da decolonialidade, permitiu compreender que a transformação da universidade em um lugar de saber/conhecer pluriverso, que tensione e se desprenda do privilégio epistêmico ocidental e do universalismo da ciência moderna, pode ocorrer e já está ocorrendo a partir de experiências ligadas aos princípios decoloniais, como por meio da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica e do Encontro de Saberes.

Analisou-se que as duas experiências trazem possibilidades à descolonização da universidade e à abertura de brechas ou fissuras decoloniais em sua estrutura, principalmente por trazerem em sua proposta a inserção de outros corpos políticos acompanhados de suas maneiras outras de saber/conhecer dentro dos muros e da estrutura epistêmica da universidade moderna. São estes outros corpos políticos com seus saberes/fazeres pluriversos, advindos de regionalidades não ocidentais, que pressionam os muros, as portas e a estrutura ocidentalizada da universidade, tensionando estruturas de poder, saber e ser que mantém o privilégio e universalismo dos cânones de pensamento, quadros teóricos e metodológicos de matriz ocidental. Ademais, observou-se que fomentar uma pluriversidade de saberes no interior da universidade poderá significar a emergência de outros saberes/fazeres que, alicerçados em perspectivas interculturais e interdisciplinares, contribuam no enfrentamento de desafios e problemas que afetam, principalmente o Sul Global.

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i4.23

Por fim, ressalta-se que este artigo buscou contribuir às discussões e reflexões acerca da descolonização da universidade e da inserção de maneiras outras de saber/conhecer em seu interior. Destaca-se aqui a necessidade da continuidade de estudos que analisem experiências e práticas que se propõem a abrir brechas ou fissuras decoloniais na estrutura da universidade, como meio de ampliar-se o escopo de caminhos e possibilidades à ressignificação e/ou descolonização desta instituição milenar.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Jorge de; VIANNA, Letícia Costa Rodrigues. O Encontro de Saberes nas Universidades: Uma síntese dos dez primeiros anos. **Revista Mundaú**, [S.L.], n. 9, p. 23-49, 2020.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Decolonizar la Universidad: hybris del punto cero y el diálogo de saberes. *In*: GROSFOGUEL, Ramón (comp.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 79-91.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século xvi. **Sociedade e Estado**, [S.L.], v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016.

LANDER, Edgardo. ¿Conocimiento para qué? ¿Conocimiento para quién? Reflexiones sobre la universidad y la geopolítica de los saberes hegemónicos. **Estudios Latinoamericanos**, [S.L.], v. 7, n. 12-13, p. 25, 2000.

MAXWELL, Joseph. **Qualitative Research Design**: An Interactive Approach. California: SAGE Publications, 2013.

MIGNOLO, Walter. Os esplendores e as misérias da "ciência": colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistémica. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente:** um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2004.

PAIM, Joana Bazzo Faggion; RUBIN-OLIVEIRA, Marlize. "Encontro de Saberes" como um caminho à pluriversidade. **Revista Nuestramérica**, Chile, v. 22, p. 1-15, 2023.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *In*: CLACSO (ed.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RUBIN-OLIVEIRA, Marlize; ZAMBIASI, Fábio. Internacionalização da Educação Superior: Outras regionalidades possíveis. **Revista Húmus,** Porto Alegre, v. 13, n. 40, p. 93-115, 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v1i4.23

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. **Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica:** o curso, 2024. Disponível em https://licenciaturaindigena.ufsc.br/?page_id=63. Acesso em 10 Jul. 2024.

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. **Projeto Pedagógico de Curso**: Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, 2020. Florianópolis: UFSC, 2020. Disponível em https://licenciaturaindigena.ufsc.br/?page_id=2950. Acesso em 10 Jul. 2024.

WALSH, Catherine. ¿Son posibles unas ciencias sociales/ culturales otras?: reflexiones en torno a las epistemologías decoloniales. **Nómadas**, Bogotá, Colombia, v. 26, p. 102-113, 2007.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, conocimientos y decolonialidad. **Signo y Pensamiento**, Bogotá, Colombia, v. 46, n. 24, p. 39-50, 2005.

WALSH, Catherine. Notas pedagógicas desde las grietas decoloniales. **Clivajes**: Revista de Ciencias Sociales, México, v. 2, n. 4, p. 1-11, 2015.

ZAMBIASI, Fábio; RUBIN-OLIVEIRA, Marlize. Decolonizar a universidade: reflexões em direção a uma universidade transcultural. **Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 60, p. 7-26, 2022.

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional